



Os discursos presentes nas estratégias de criação do “Novo Mineirão”: modernização e tradição no jogo que acontece fora das quatro linhas

SARAH TEIXEIRA SOUTTO MAYOR

SÍLVIO RICARDO DA SILVA

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es analizar los discursos presentes en las propuestas de la modernización del *Nuevo Mineirão*, uno de los estadios sede de la Copa Mundial FIFA 2014, ubicado en Belo Horizonte, Minas Gerais. Para ello, nos atenemos, en particular, a las relaciones entre las nociones de *modernización* y *tradición*, que se encuentran especialmente en los documentos: *Estádios de Futebol: recomendações e requisitos técnicos* (2011), *Planejamento Estratégico Integrado* (2010) y *Mineirão entre os melhores do mundo* (2012). Destacamos la conexión de lo tradicional con lo moderno como elemento crucial en los intentos de legitimar las transformaciones operadas en el estadio y, sobre todo, proporcionar un cierto estatus valorativo a los cambios, para producir un llamado a la memoria y la identidad colectiva lograda, paradójicamente, por preservación de la tradición a través de la modernización. Percibimos lo moderno, según apuntan los documentos, como lo contrario a la tradición que se rechaza, mientras que otras son seleccionadas para mantener el vínculo de identidad con el nuevo estadio.

PALABRAS-CLAVE: *tradición, modernización, fútbol, discurso.*

RESUMO: Objetivamos analisar os discursos presentes nas propostas de modernização do *Novo Mineirão*, um dos estádios-sede da Copa do Mundo FIFA 2014, localizado em Belo Horizonte, Minas Gerais. Para tanto, atemo-nos, em especial, às relações estabelecidas entre as noções de *modernização* e *tradição*, encontradas, especialmente, nos seguintes documentos: *Estádios de Futebol: recomendações e requisitos técnicos* (2011), *Planejamento Estratégico Integrado* (2010), e cartilha *Mineirão entre os melhores do mundo* (2012). Destacamos a junção do tradicional ao moderno como elemento crucial nas tentativas de legitimar as transformações operadas no estádio e, sobretudo, conferir certo status valorativo às mudanças, ao se produzir um apelo à memória e a uma identidade coletiva alcançada, paradoxalmente, pela preservação da tradição via modernização. Percebemos o moderno, termo recorrente nos documentos, como o contrário da tradição que não se deseja, enquanto outras são selecionadas para manter o elo identitário com o novo estádio.

PALAVRAS-CHAVE: *tradição, modernização, futebol, discurso.*

ABSTRACT: We aimed to analyze the discourses present in the proposed modernization of the *New Mineirão*, one of the stadiums hosting the 2014 FIFA World Cup, located in Belo Horizonte, Minas Gerais. For this purpose we relied on the relations between the notions of *modernization* and *tradition*, especially found in the following documents: *Estádios de Futebol: recomendações e requisitos técnicos* (2011), *Planejamento Estratégico Integrado* (2010) and *Mineirão entre os melhores do mundo* (2012). We emphasize the

Recibido: 07 de septiembre de 2014 • Aceptado: 22 de noviembre de 2014.

connection between the traditional and the modern as a crucial element in the attempts to legitimize the transformations promoted in the stadium and, especially, to provide a certain evaluative status to the changes, through a call to the memory and collective identity, which is achieved, paradoxically, by the preservation of tradition through modernization. We found the modern as a recurring term in the documents, as opposed to the unwanted tradition, while other terms are selected to maintain the identity with the new stadium.

KEYWORDS: *tradition, modernization, soccer, discourse.*

Introdução

No ano de 2007, o Brasil foi anunciado como país sede da Copa do Mundo de 2014 e, desde aquele momento, inúmeras medidas foram executadas para adequar as cidades que abrigariam os jogos aos padrões estipulados pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association), entidade máxima do futebol mundial e detentora dos direitos de realização da Copa do Mundo.

A cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, foi uma das escolhidas para sediar o evento. Para este fim, o estádio Governador Magalhães Pinto (conhecido como *Mineirão*) interrompeu suas atividades em 2010 com vistas à reforma de suas instalações. Simultaneamente às preocupações com o estádio, a capital mineira, assim como as outras cidades-sede brasileiras, viu-se interpelada por meses de extensas intervenções no intuito de receber a Copa nos padrões desejados.

Embora reconheçamos a importância do futebol na constituição histórica e cultural de nosso país¹, a escolha do Brasil como sede dos jogos mundiais e as consequentes medidas governamentais executadas para a efetivação do empreendimento coexistiram em uma atmosfera marcada pela controvérsia. Uma parcela significativa da população questionou os altos gastos públicos e as reais condições do país em sediar tamanho evento. Exemplo disso foram as grandes manifestações que marcaram a realização da Copa das Confederações² em várias cidades, em 2013. Vale destacar também, a existência de grupos organizados que, declaradamente, manifestaram a sua contrariedade em relação à realização da Copa do Mundo³.

No entanto, os projetos seguiram seu curso. O evento não ocorreu sem percalços, mas se pode pensar em certa vitória daqueles que o idealizaram, haja vista os empreendimentos realizados nas diversas cidades-sede, mesmo sob os manifestos citados. Neste caso, entendemos que a efetivação dessa proposta não se deu apenas pela magnitude dos investimentos públicos e privados. Em meio aos projetos, planejamentos e demais documentos criados, variados apelos que se prestaram a afirmar, defender e compensar a realização do evento, bem como, sensibilizar a população, tornaram-se importantes estratégias discursivas de convencimento.

No caso da cidade de Belo Horizonte, foi inevitável perceber o diálogo que a linearidade textual contida nas medidas técnicas necessárias à concretização das reformas travou com o apelo à subjetividade das ações, como a criação de um sentido pátrio comum e como a valorização, via modernização, de elementos caros à memória e à tradição. A representação histórica que possui o Mineirão, inaugurado em 1965 e envolto pelo conjunto arquitetônico da Pampulha⁴, ambos símbolos da cidade e dos mineiros, ganhou destaque na formulação dos projetos “modernos” do governo e da iniciativa privada.

Assim, nesta atmosfera de ambiguidades, interessa-nos, especificamente, analisar os discursos presentes nas propostas de modernização do *Novo Mineirão* (assim intitulado após as reformas), atentando-se, justamente, às relações estabelecidas com a ideia de tradição.

1. *Marco metodológico e teórico*

O corpus foi constituído por quatro conjuntos documentais: 1) a publicação da FIFA intitulada *Estádios de Futebol: recomendações e requisitos técnicos* (2011); 2) o *Planejamento Estratégico Integrado* (PEI 2010), criado pelo Governo do Estado de Minas Gerais e pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte; 3) a cartilha *Mineirão entre os melhores do mundo* (2012), publicada pela Minas Arena (empresa gestora do novo estádio) e pelo Governo do Estado de Minas Gerais; 4) e textos presentes no *site* da *Minas Arena* e no *site* da *Secopa* (Secretaria Extraordinária da Copa do Mundo).

Esta escolha foi balizada pela importância de tais instituições (Estado de Minas Gerais, Prefeitura de Belo Horizonte, empresa Minas Arena e Secopa) na ação política que culminou e viabilizou a realização da Copa do Mundo em Belo Horizonte. Dessa forma, o corpus foi construído considerando as condições de produção dos mesmos e o fato de tratarem de objetos semelhantes. Embora os textos não necessariamente tenham sido escritos por sujeitos que fazem parte da esfera política, seus objetivos se aliaram aos órgãos governamentais e ao propósito de validar, no plano político, as propostas sinalizadas. Um ponto de congruência nas produções textuais e que balizou a seleção e o agrupamento das mesmas para análise foi a presença do campo semântico tradição/modernização como uma constante.

Tradição e modernização, embora pareçam noções antagônicas, podem ser pensadas como complementares, mediante relações de interesses que extrapolam um entendimento simplista desses termos. Partindo das reflexões de Hall (2006) e Canclini (2008) entendemos que a tradição é fundamentada muito mais por um conjunto de construções simbólicas e discursivas historicamente situadas do que por uma mensuração quantitativa temporal. Nessa perspectiva, os elementos que a compõem podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e ações (Hall 2006), no esforço de simular uma substância fundadora e um referencial histórico (Canclini 2008), que

se dirige, especialmente, à um processo de formação e reconhecimento de identidades.

De igual forma, o que compreendemos como modernização prescinde de um referencial analítico, pois o termo comporta diferentes interpretações. Para Carvalho (2012), as palavras modernização e modernidade, não raro, têm sido traduzidas como sinônimas, aliando-se, comumente, a características como novidade, superação e progresso. Neste sentido, a possibilidade interpretativa dessas noções está diretamente relacionada a uma situação histórica e cultural específica, circunscrita por relações contextuais, como ressalta o autor. Ao reconhecermos um processo de tornar o estádio mais “moderno”, com o foco em uma racionalidade instrumental e em um critério central de desenvolvimento econômico, optamos pelo uso da noção de modernização e, nesse caso, vale ressaltar que o termo abarcou a própria noção de modernidade, descrita nos documentos com a mesma ideia. No entanto, entendemos que, assim como tradição, modernização não é um mero adjetivo e nem se funda em definições apriorísticas, ou seja, as ideias e simbologias que emergem desse termo requerem uma conjuntura de produção e de circulação.

Sendo assim, inferimos que tradição e modernização participam da cena política em um jogo dual. Para Le Goff (2003: 177) a recorrência ao moderno compreende um eterno retorno ao passado, que se vale do “prestígio da antiguidade e das origens”. A moda *retro* é um dos exemplos citados pelo autor para expressar essa mescla. Ao encontro dessas considerações, Baudrillard (2007) menciona a existência de um tipo de consumo que se sustenta pela busca dos simbolismos daquilo que já deixou de existir. E nesse caso, a própria ideia de tradição se reatualiza no desejo de imprimir ao novo a veracidade e a autoridade do passado.

Partindo do entendimento proposto pelos autores supracitados, as noções centrais aqui analisadas (tradição e modernização) foram compreendidas, em seus diversos usos nos documentos estudados, como produções discursivas, que desempenharam importante papel na legitimação de ações relacionadas a uma imagem valorativa de passado e a uma ideia (igualmente intangível) da novidade como essencialmente benéfica, necessária e salvadora. Dentre os vários recursos e estratégias percebidos, tradição e modernização ocuparam um papel central na tentativa de assegurar a legitimidade da representação política envolvida na reforma do estádio Mineirão.

Por esta razão, aliamos as incursões teóricas propostas por Hall (2006) e Canclini (2008) no que tange à percepção da tradição como uma construção intencionada e interessada, à compreensão da noção de modernização como necessariamente contextual, sinalizada por Carvalho (2012), e às ponderações de Le Goff (2003) e Baudrillard (2007), que propõem a coexistência dúbia de ambas as noções. Tais proposições se fundam em uma compreensão relacional de tradição e de modernização e na ideia de que o seu uso é marcado por ações determinadas. No caso específico desse estudo, tais ações visaram legitimar a

realização do evento, convencer o leitor de sua necessidade e regular o processo de interação entre o mesmo e a instância política, minimizando possíveis conflitos. Esse reconhecimento nos conduziu para uma análise pautada pela teoria da semiolinguística do discurso (Charaudeau 2005).

Nesse intento, procuramos desvendar e problematizar os princípios presentes no processo de transação, que compõe juntamente com o processo de transformação, o duplo processo de semiotização do mundo, nos dizeres de Charaudeau (2005). São eles: o princípio de alteridade, o princípio de pertinência, o princípio de influência e o princípio de regulação. Para o autor, tais princípios são fundantes do ato de linguagem “que o inscrevem em quadro de ação, em uma praxiologia do agir sobre o outro” (Charaudeau 2006: 16).

Intencionamos, deste modo, analisar os textos selecionados considerando a presença de tais princípios na ação política que compreende o propósito de escrita do conjunto documental analisado, ou seja, de um *agir sobre o outro* pautado por uma necessidade premente de convencer o leitor (cidadão mineiro e belo-horizontino) da realização das inúmeras intervenções em prol da Copa do Mundo, um evento que se sustentou, no decorrer dos anos precedentes à sua realização, de forma bastante frágil. Nessa apreciação, aliaram-se outras importantes considerações de Charaudeau (2006) na análise do discurso político: as relações de força existentes entre os sujeitos que produzem os documentos e o sujeitos-alvo (os leitores), balizadas pela possibilidade de existência de alguma gratificação; e a utilização de argumentos que se voltam à razão e à paixão, no intento de a instância política convencer a instância cidadã à adesão de suas ações.

Em nossas análises, a gratificação se traduziu na veiculação dos inúmeros benefícios sociais advindos das obras, atrelada também à ideia de progresso materializada na (re) construção do estádio. O apelo à razão também se aliou ao desejo do novo e pôde ser representada pela noção de modernização. Já a emoção foi evidenciada no apelo saudosista à memória que a tradição evoca. Essa dupla mobilização se fundamenta em um discurso que, como observa Charaudeau (2006: 215), valida a tradição como algo puro e a modernidade como um conjunto de representações comparativas que visualiza no momento presente “um estado de saber superior” em relação ao passado. Nas palavras do referido autor (Charaudeau 2006: 210), tradição e modernidade são dois grandes tipos de imaginários sociodiscursivos, “mais recorrentes e mais propícios a alimentar a dramaturgia política”.

Nesse cenário, procuramos observar a relação forma-sentido nos textos analisados, a partir da posição semiolinguística de Charaudeau (2005), considerando a responsabilidade de sujeitos intencionais (os produtores dos documentos: Governo do Estado de Minas Gerais, Prefeitura de Belo Horizonte, empresa Minas Arena e Secopa), o seu projeto de influência social (por meio da problematização dos referidos princípios, aliados às estratégias de uso da razão/paixão e da promessa de gratificação), inscritos num quadro específico de ação (Charaudeau 2005).

Assim, no desvelamento do objetivo proposto, procuramos nos ater à inserção desses documentos no contexto aqui apresentado, marcado, dentre outras necessidades, por um imperativo legitimador que primou pela capacidade de congregar ideias ou amenizar divergências em prol da realização de um evento com tamanha magnitude econômica em um país com tamanha contradição social. Tradição e modernização foram apenas alguns dos recursos utilizados nesse jogo que aconteceu fora das quatro linhas, mas que desvelou estratégias argumentativas importantes para o entendimento do que se encontra subentendido na realização de um megaevento esportivo como a Copa do Mundo.

2. *O pontapé inicial da FIFA: “Pelo jogo, pelo mundo”*⁵?

Em um primeiro movimento de análise importa a constatação de que as argumentações utilizadas nos documentos referentes à cidade de Belo Horizonte e ao estado de Minas Gerais eram correspondentes às orientações da FIFA. O documento *Estádios de futebol: recomendações e requisitos técnicos* (FIFA 2011) é um texto direcionador de ações-modelo para a realização de um megaevento como a Copa e, nele, percebemos um discurso comum que também se manifestou nas outras produções textuais aqui analisadas.

O principal ponto enfatizado é o possível legado que a realização da Copa deixaria aos locais-sede. Há o apelo a uma dita benfeitoria em todos os documentos. De acordo com Joseph Blatter, presidente da instituição, “os estádios são um legado visível de eventos como a Copa do Mundo FIFA e, combinados com um conjunto de eventos de longo prazo e uma infraestrutura flexível, podem ajudar a adicionar um valor agregado social significativo” (Blatter 2011: 7). Ainda segundo Blatter, as transformações operadas trariam vantagens para todos os grupos alvo, em razão da criação de uma multifuncionalidade para a realização de vários espetáculos, ultrapassando a função dos estádios como “meros locais de realização de partidas de futebol” (Blatter 2011: 7). Para o secretário geral da entidade, Jérôme Valcke, tal legado se traduziria em “oportunidade única para um país redefinir e comercializar a sua imagem para uma audiência global” (Valcke 2011: 9).

Outros apelos observados se referiam à possibilidade de “retorno das famílias ao estádio”, em função da melhoria do serviço de transporte e de segurança (Blatter 2011: 7); e ao sentimento pátrio. Valcke afirma que (2011: 9) “sediara a Copa do Mundo traz um orgulho e honra imensuráveis para o país anfitrião”.

As falas, que pareciam conter um objetivo comum – a necessidade de justificar a construção e reforma de estádios como promotores de vantagens econômicas e sociais – pressupunham estratégias argumentativas de supervalorização de grandes eventos como se, por si só, fossem capazes de promover as benfeitorias anunciadas. Para um país de proporções continentais como o Brasil parece simplista considerar que a Copa poderia “adicionar um valor agregado social significativo”, ou que a sua realização traria “vantagens para todos os

grupos alvo” (Blatter 2011: 7). De forma semelhante, é possível questionar um modelo de família universal que se faz presente no texto.

Na escrita produzida por Jérôme Valcke, a vantagem também se traduziria na comercialização da imagem do país-sede, prerrogativa que se repete com frequência nos outros documentos que analisamos e que se relaciona, intimamente, com os usos das noções de tradição e modernização, na medida em que a preservação e a construção de obras dedicadas ao passado (ou a simples referência a ele) podem servir não apenas a um propósito compensatório, mas à possibilidade de agregar valor comercial ao novo por meio dos simbolismos de uma memória interessada.

Neste caso, há uma referência à tradição, materializada, por exemplo, na construção e reforma de museus para o futebol que se alia a frases superficiais como as que descrevem os legados da Copa (como se estes fossem possíveis de serem alcançados da mesma forma em todos os lugares-sede). Os dizeres “pelo jogo, pelo mundo”, anunciados em destaque nas produções com a marca FIFA, parecem resumir essa superficialidade ao mesmo tempo em que supervalorizam o jogo de futebol como prática capaz de impactar o mundo positivamente.

3. Tradição e modernização nos documentos analisados: As produções discursivas na legitimação do “Novo Mineirão”

O *Planejamento Estratégico Integrado* (PEI), produzido em conjunto pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e pelo Governo do Estado de Minas Gerais, é um documento norteador das obras que seriam executadas na cidade. Logo de início, apresenta como objetivo primordial “consolidar o planejamento de todos os aspectos concernentes à realização do evento, que visa, em última instância, ao desenvolvimento social, econômico e cívico do país” (PEI 2010: 10).

Na escrita dos gestores que produziram o documento é clara a associação da realização da Copa com os legados a serem deixados para a cidade-sede, numa atitude que parece utilizar as benfeitorias como justificativa e como forma de defesa a possíveis críticas. Deste modo, a menção à Copa é sempre acompanhada de uma quantidade significativa de vantagens para a cidade. De acordo com o texto introdutório do documento: “o Brasil receberá consideráveis investimentos para infraestrutura e serviços, relativos a estádios, mobilidade urbana, aeroportos, turismo, segurança, saúde, entre outros” (PEI 2010: 10). A forma como o enunciado se encerra, utilizando o “entre outros”, remete à superficialidade percebida no documento da FIFA, já que os serviços citados parecem prestar-se mais a um senso comum desenvolvido para justificar a produção de megaeventos do que a ações que, de fato, serão concretizadas.

Legado enquanto palavra que se justifica por si só também foi utilizada na escrita do governador do Estado de Minas Gerais, Antônio Anastasia, e do prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda. Para o primeiro, a Copa é uma

oportunidade de “construção de um legado para a sociedade mineira”, por meio da “ampliação dos efeitos no crescimento econômico, no desenvolvimento social e ambiental e a consolidação do espírito cívico em nosso estado” (Anastasia 2010: 2). O governador encerra a sua fala afirmando que “estamos diante da real perspectiva de consolidar Minas Gerais como praça do mundo, território protagonista no cenário global, ao exercer um papel de destaque na Copa de 2014” (Anastasia 2010: 2).

Também para o prefeito, as obras e intervenções devem ser um “legado real de benfeitorias para os belo-horizontinos e os mineiros” (Lacerda 2010: 3). A Copa seria, para ele, “uma chance única de transformarmos qualitativamente a vida da nossa cidade e da nossa população” (Lacerda 2010: 3). Encerra sua fala da seguinte forma: “Belo Horizonte merece” (Lacerda 2010: 3). Esta assertiva colabora, sobremaneira, para o entendimento da Copa como algo grandioso, benéfico em si e, na menção ao merecimento dos belo-horizontinos, apela para a valorização da população, que parece ser presenteada com a realização do evento. Dessa forma, inverte-se o jogo: o dispêndio da Copa, motivo de tantos protestos, torna-se um presente à cidade.

No entanto, em meio ao concreto que dava vida aos novos contornos do estádio, pouco se percebia de sólido no que se refere às vantagens anunciadas para a população. Modernizar o Mineirão aparecia com frequência no documento, bem como ações voltadas para que o seu entorno recebesse a estrutura adequada. Havia uma nítida preocupação com a imagem de Belo Horizonte e com o atendimento ao turista, mas diante do recorrente apelo às benfeitorias realizadas para a população, faltavam conexões mais palpáveis em se tratando do que, efetivamente, tornar-se-ia benefício para as várias regiões da cidade.

Os discursos dos dois gestores se relacionavam com o propósito de conferir visibilidade à Copa enquanto evento de “elevada magnitude” (Anastasia 2010: 2) e de associá-la à suposta predisposição do brasileiro em vangloriar o futebol, como se o país fosse formado apenas por uma massa homogênea de aficionados pelo esporte. Ainda nas palavras do governador do Estado,

[...] a possibilidade de sediar os jogos de uma Copa do Mundo sempre foi um sonho acalentado por milhões de brasileiros. Seja como forma de prestar um tributo a essa terra generosa em produzir jogadores com nível de excelência, seja pelo inadiável desejo de ver bem de perto esse espetáculo que atrai olhares de todas as partes do mundo (Anastasia 2010: 2).

Partia-se, assim, da representação de um leitor que sonha com a realização da Copa no país. A utilização do termo “milhões de brasileiros” produz certo consenso que se dirige ao público receptor do material, ao homogeneizar e reduzir os brasileiros a um grupo descrito por uma quantificação imensurável que intimida pela abrangência.

Vale destacar, ainda, uma ideia utilizada durante todo o texto documental que se resume em uma frase, repetida em três páginas do PEI: “Minas Gerais e

Belo Horizonte integrados na Gestão da copa de 2014 como alavanca para o desenvolvimento econômico, social e cívico” (PEI 2010: 11, 15, 62). Destacada em caixa alta, com fonte maior que o restante do texto, em aspas e inscrita dentro de um retângulo de cor diferente, a sua repetição permite inferir uma necessidade de convencer o leitor da importância da proposta. Na utilização da palavra “alavanca” fica perceptível o caráter utilitarista e compensatório conferido à Copa, bem como, o abstrato apelo a um sentimento pátrio por meio do “desenvolvimento do civismo”. Este parece se resumir no dever de aceitação dos cidadãos à representação do Brasil como sede da Copa do Mundo.

Em torno dessa ambiência é que se desenvolveram relações entre a necessidade de se modernizar o estádio e o reconhecimento do valor que possui a preservação de certas características antigas, ou mesmo, o fomento a ações voltadas à memória para que se mantenha (ou se construa) o elo identitário que se deseja com a população.

O *Novo Mineirão* foi entregue em 21 de dezembro de 2012, após quase três anos fechado, conforme consta no site da Secopa (www.copa2014.gov.br). No *site* da Minas Arena (www.minasarena.com.br), empresa responsável pela execução das obras de reforma do estádio, em parceria firmada com o Governo do Estado de Minas Gerais, é possível perceber a funcionalidade comercial atribuída à tradição e a menção à mesma como justificativa para a realização das obras.

No texto produzido pelos gestores da empresa, lê-se: “O Mineirão é uma arena multiuso com elevados padrões de qualidade. Toda sua tradição esportiva e cultural ganha com o que há de mais moderno em termos de conforto e tecnologia”. A escrita instaura, assim, uma ideia de benefício para a memória esportiva da cidade via os novos investimentos. Em outra passagem há a afirmação de que o Mineirão “é um dos mais tradicionais estádios do Brasil”, uma referência que parece conferir à tradição um valor de *status* e distinção. Este destaque também está presente em outros enunciados que buscam enfatizar o estádio enquanto “patrimônio histórico, arquitetônico e afetivo de todos os mineiros”.

Em meio às referências à tradição, foi possível verificar afirmações que visavam enaltecer os novos padrões modernos alcançados: “Após sua reforma, o Mineirão se tornou a mais moderna arena multiuso de Minas Gerais, com público crescente e esplanada exclusiva, sendo capaz de aliar entretenimento, serviços, cultura e lazer [...]” (www.minasarena.com.br). Percebe-se que, ao mesmo tempo em que o estádio era considerado “um dos mais tradicionais do país”, era também “a mais moderna arena de Minas Gerais”. Tradicional e moderno tornaram-se, assim, dois indissociáveis valores dos novos empreendimentos.

Essa ambiguidade também pôde ser percebida no material impresso de divulgação da empresa Minas Arena em parceria com o Governo do Estado de Minas Gerais, do ano de 2012. A cartilha “Mineirão entre os melhores do mundo” é composta por depoimentos de políticos mineiros, funcionários do governo e gestores privados; informações gerais sobre as reformas realizadas;

e aspectos da história do estádio. Vale destacar a comparação internacional que o título estabelece, chamando a atenção do leitor, logo de início, para a magnitude do estádio.

O primeiro texto é escrito pelo governador de Minas Gerais, Antônio Anastasia, e também se inicia com recurso semelhante, uma interjeição capaz de exprimir sensação positiva de admiração: “Viva o novo Mineirão”! Em seu conteúdo há destaque à dualidade composta pelos termos moderno e tradicional. No primeiro parágrafo o governador enfatiza que, após as transformações realizadas, “passamos a contar com um dos estádios mais modernos do mundo” (Anastasia 2012: 3). Já no parágrafo seguinte, há a menção às exigências da FIFA e à necessidade de preservação de algumas das características do antigo estádio.

Na verdade, o Gigante da Pampulha – como carinhosamente o chamamos – foi praticamente reconstruído de acordo com as exigências da FIFA. Mas foi preservado o grande anel externo, tombado pelo patrimônio histórico por tão bem se integrar a Pampulha [...] arquitetada pela genial e já saudosa memória de Oscar Niemayer (Anastasia 2012: 3).

Nas palavras de Anastasia observa-se o tom enaltecedor na referência ao acervo arquitetônico da Pampulha e na menção a Oscar Niemayer, um dos nomes mais consagrados da arquitetura brasileira. Tal referência parece cumprir uma importante função de respeito a um passado que se torna necessário valorizar e preservar para que a novidade cause menos impacto.

No terceiro parágrafo do texto, o governador relata em tom afirmativo: “trata-se, certamente, do mais bonito e funcional estádio do Brasil”. Após enaltecer algumas de suas características (arena multiuso com mais de 60 mil lugares e esplanada externa com 80 mil metros quadrados equipada para receber espetáculos culturais e eventos de lazer), diz no parágrafo seguinte que o “Novo Mineirão combina modernidade e tradição, onde as famílias terão acesso também a lojas, restaurantes, museu e, ainda, ao clássico feijão tropeiro, marca registrada dos dias de futebol em Belo Horizonte” (Anastasia 2012: 3). No *site* da Secopa é também mencionado o “tradicional tropeiro” como “item obrigatório no cardápio” (www.copa2014.gov.br).

Nos trechos destacados vê-se o que se entende como modernidade e o que se pressupõe como tradição. Em meio às novidades, as famílias (mais uma vez descritas enquanto instância abstrata e idealizada) continuariam tendo acesso aos produtos que se tornaram símbolos do estádio, como o feijão tropeiro. No entanto, cabe destacar que as novas medidas estruturadoras da FIFA implicaram na retirada dos antigos barraqueiros do Mineirão⁶ e das antigas lanchonetes. Neste caso, fabricado nos estabelecimentos em conformidade com os novos padrões, o “tradicional” tropeiro tornou-se mais um novo produto da modernização.

Também, nesta perspectiva, dentre as especialidades do novo mercado tem-se o museu, junto às lojas e restaurantes. Um monumento de referência

ao passado, à tradição e à memória como produto do que se entende como moderno. No *site* da empresa Minas Arena, o Museu Brasileiro do Futebol aparece como um dos novos serviços criados. A exposição que marcou a sua abertura, em 2012, foi anunciada com a finalidade de

apresentar aspectos do universo desse esporte, numa perspectiva histórica e cultural, com um olhar sobre as relações sociais instituídas em torno de sua prática [...]. Lembrar a história do estádio e dos muitos agentes que nele deixaram marcada sua presença e, ainda, reiterar sua importância como bem cultural da cidade são outros objetivos dessa primeira ação expositiva do Museu Brasileiro do Futebol [...]. Emoção e memória são, desde já, elementos indissociáveis de suas ações (www.minasarenas.com.br).

Entretanto, esta lembrança não é gratuita. No material de divulgação do museu há uma tabela de preços para sua visitação. O fomento à memória está ligado, de alguma forma, ao interesse mercadológico presente em outras ações descritas como modernizadoras.

Esta perspectiva é percebida, explicitamente, na cartilha “Mineirão entre os melhores do mundo” (2012), pois dentre as vantagens anunciadas está o tratamento diferenciado ao torcedor-cliente. Para Barra (2012: 9), diretor-presidente da Minas Arena, uma das missões da empresa seria “operar o complexo atendendo as expectativas dos nossos clientes, dentro dos mais exigentes padrões de qualidade”. Em outra parte da cartilha lê-se:

nesse cenário, o grande vencedor será o torcedor, que passará a ser visto como um cliente. Esse novo torcedor-cliente vai frequentar um estádio mais confortável, seguro, acessível e sustentável. E, além de partidas de futebol, poderá assistir também a grandes eventos artísticos e culturais, já que o Mineirão foi transformado em uma moderna arena multiuso (Minas Arena 2012: 39).

Ao longo do referido material, o adjetivo moderno foi vinculado a um padrão internacional, sobretudo europeu, e baseou-se na divulgação de produtos e serviços que não faziam parte da estrutura dos antigos estádios brasileiros. Para além da reforma de características já presentes, relacionadas aos portões, ao acesso (catracas), ao estacionamento, às arquibancadas e ao campo, foram anunciados enormes telões de LED, *lounges* e lojas. No *site* da Secopa há o anúncio de restaurante panorâmico em um espaço de 1.160 m², com capacidade para 370 pessoas, além de uma área comercial de mais de 7,5 mil m² com até 47 lojas, 58 bares e lanchonetes espalhados por todos os setores (www.copa2014.gov.br).

Em outro trecho da cartilha “Mineirão entre os melhores do mundo” afirma-se que o Governo de Minas:

optou por um modelo de negócio que privilegia a modernização da infraestrutura, valoriza o complexo arquitetônico da Pampulha e busca o mais alto padrão internacional de operação do estádio, com conforto e segurança. Um modelo que

também inova na visão comercial, ao perceber o torcedor como cliente (Minas Arena 2012: 38).

Nas palavras do senador mineiro e ex-governador do estado, Aécio Neves, também publicadas na cartilha em questão, a nova conformação do Mineirão será capaz de agregar “vantagens competitivas importantes à capital dos mineiros e à sua mais nítida vocação de vibrante polo cultural nacional e poderoso destino do turismo de negócios, acoplados a uma competente rede de novos serviços” (Neves 2012: 5). Como nos textos anteriores, também enfatizou a tradição em meio às ações modernizadoras, em um discurso já comum na fala dos gestores públicos: “o estádio tradicional –que tanto mobiliza o nosso afeto coletivo–, preservado em suas tradições, ampliou os seus horizontes e se transmutou em um moderno e promissor complexo de lazer e cultura” (Neves 2012: 5).

No texto escrito por Tiago Lacerda, Secretário de Estado Extraordinário da Copa do Mundo, percebem-se apelos também já comuns: “a esplanada no entorno do Mineirão será uma área de convivência, um local de lazer para os mineiros” (Lacerda 2012: 7). Da mesma forma, outras benfeitorias se repetem. O secretário chega a dizer, contradizendo todas as aspirações empreendedoras direcionadas à criação dos novos produtos e serviços evidenciados no material publicitário, que o *maior* [destaque nosso] objetivo da reforma seria “permitir que as famílias mineiras frequentem o campo com conforto e segurança” (Lacerda 2012: 7).

Em seguida, parece não sustentar o argumento quando afirma que a Copa será muito importante para a promoção de Minas Gerais, o que remete à função utilitarista do evento preconizada em todo o documento. Há, ainda, prerrogativas que são comuns em outros textos pesquisados: a ideia de uma paixão naturalizada pelo futebol, que justificaria qualquer empreendimento em relação a ele; e o apelo à identidade mineira com recursos de linguagem que fomentam um sentimento de orgulho e certa ideia de pertencimento e de aproximação do leitor às ações realizadas.

Tiago Lacerda afirma que, embora a duração da Copa seja de apenas trinta dias, “[...] o amor dos mineiros pelo futebol é eterno, e o que se espera é que todos tenham ainda mais motivos para ir ao Mineirão” (Lacerda 2012: 7). Já em relação ao apelo identitário, o título do seu texto, “Um presente aos mineiros”, parece conter um caráter de supervalorização da população e de acomodação argumentativa semelhante ao que propôs o prefeito Márcio Lacerda, no PEI (2010: 3), quando fez a seguinte afirmação: “Belo Horizonte merece”.

Situação parecida também se faz presente no texto produzido por Barra (2012: 9). Para ele, “estamos prontos para receber a todos com a eficiência requerida sem deixar o hospitaleiro jeitinho mineiro de lado”. No parágrafo seguinte, completa: “sejam todos bem-vindos, uai... Aqui só haverá lugar para a alegria”, utilizando-se de um dos recursos de linguagem – *uai* – mais característicos da população de Minas Gerais (Barra 2012: 9). O *uai*, neste caso,

denota uma especificidade que participa efetivamente da autolegitimação do enunciador, por expressar um código linguageiro que é próprio do universo de sentido que o discurso instaura (Maingueneau 1998).

Observa-se, assim, a construção de um consenso do que seria o jeito mineiro – hospitaleiro, amável, receptível –, o que colabora para amenizar as diferenças e até possíveis ações contrárias ao que se espera do mineiro.

No *site* da empresa Minas Arena essa relação é ainda mais eloquente:

A soma de todos esses esforços fez do Estado de Minas Gerais, da cidade de Belo Horizonte e do Estádio Mineirão exemplos para a Copa do Mundo FIFA 2014 e outros grandes eventos, levando consigo o talento profissional mineiro de criar, construir e oferecer qualidade de vida a seus cidadãos (www.minasarena.com.br).

Outra importante estratégia que podemos destacar é a utilização costumeira das palavras “nossos/nossas” – pronomes que podem comportar a ideia de inclusão e de sentido coletivo como recurso que visa aproximar o leitor e torná-lo parte das ações realizadas. “Nosso estado”, “nossa cidade” e “nossa população” foram comumente empregados pelos gestores públicos e privados. Vale destacar uma parte do texto escrito pelo senador Aécio Neves que, ao enaltecer a tradição do estádio Mineirão, afirma que este mobiliza “nosso afeto coletivo” (Neves 2012: 5).

Outras formas textuais com características semelhantes foram também percebidas na já referida cartilha (Minas Arena 2012), tais como: “O Mineirão também é seu” e “o Novo Mineirão como sua verdadeira casa”; ou no *site* da Minas Arena: “você, que faz parte desta Esfera Coletiva, seja bem-vindo ao Museu Brasileiro do Futebol”. Estes enunciados parecem fortalecer a ideia de legado e de uma coletividade consensual, situação também reforçada na utilização da palavra “templo”. Em um dos trechos da cartilha (Minas Arena 2012), lê-se: “ao entregarem o templo do futebol mineiro de volta para os torcedores, completamente reformulado, a Minas Arena e o Governo de Minas convocam a todos para conhecê-lo [...]”. O componente sagrado implícito no termo contribui para a ambiência de veneração e de intocabilidade que se gesta em torno do novo estádio, um universo simbólico de pertencimento a algo inquestionavelmente grandioso.

4. *Muito além das quatro linhas*

Em meio às contradições citadas, o Mineirão emergiu, repetidamente, como um dos “melhores do mundo”, capaz de inaugurar uma “nova era” ou um “tempo de modernidade”, como se lê na cartilha “Mineirão entre os melhores do mundo” (2012: 7, 11). No jogo simbólico que acontece fora das quatro linhas, a modernização assume um valor positivo, que evoca desenvolvimento e prosperidade. Interessante destacar o anúncio de inauguração de uma nova era ou de um novo tempo com as reformas para a Copa do Mundo de 2014,

já que a própria construção do Mineirão há quase cinquenta anos, deu-se sob o anúncio de uma modernidade desejada para Belo Horizonte. Em 1965, durante a cerimônia de inauguração, havia uma grande faixa estampada com os dizeres: “o mais moderno estádio do mundo”⁷.

Agora, inaugura-se novamente a tão sonhada e intangível modernidade: uma produção discursiva atemporal, reinventada para produzir uma distinção valorativa. Moderno, modernidade e modernização anunciam, assim, muito mais do que um tempo histórico, até mesmo porque estas são categorias relativas, difíceis de alinhar a um período e lugar pré-estabelecidos. Sobretudo, pode-se pensar que estas referências expressam um predicado, uma característica e, portanto, conferem um valor que denota certo avanço em relação a algo julgado como ultrapassado. Como observa Carvalho (2012), os termos moderno, modernidade e modernização não podem ser confinados em um conceito previamente determinado, pois requerem um contexto ou circunstancialização histórica para que sua definição se torne operatória.

No momento atual, chama a atenção a frequente associação dos caracteres anunciados como modernos a símbolos relacionados à tradição do estádio e ao passado da cidade. Como importante exemplo, destacamos a construção e o incremento de instituições voltadas à memória, como os museus.

Parece-nos fundamental a compreensão de que não é apenas um simples fator mercadológico que rege a edificação de tais instituições, embora esteja claro que constituem parte do novo complexo de produtos e serviços. Também a menção ao patrimônio histórico, presente nos trechos que destacam parte da estrutura do Mineirão e do complexo da Pampulha, não atende apenas às exigências formais de tombamento. Se assim fosse, bastaria uma breve menção explicativa sobre os limites da obra.

Parece-nos evidente que a preocupação em destacar o passado tem implicações em ações do presente, pois para a própria legitimação do novo torna-se necessário o aval do passado e o respeito às lembranças que ele evoca. A recorrência à tradição observada nos documentos analisados pode servir como um dos grandes elementos afirmadores do que se apresenta como moderno, ao emprestar legitimidade histórica às transformações. Assim, a tomada de medidas que visa tornar o estádio mais afeito aos preceitos dos espetáculos da atualidade não descarta totalmente o vínculo com uma memória do espaço possível de se preservar. Uma memória interessada para a consolidação e (por que não?) para a criação de novos sentimentos de pertencimento ao novo Mineirão.

Neste sentido, chama a atenção o caráter simbólico da tradição e, com isso, a inexistência de uma demarcação temporal que a defina. Desta forma, seus elementos podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância (Hall 2006). Na relação com as iniciativas mercadológicas que preconizam a novidade, a referência à tradição pode ser um esforço para simular que há uma origem, uma substância

fundadora, um referente histórico e um recurso simbólico contemporâneo, que possa estabelecer, assim, uma conexão com o passado (Canclini 2008).

No caso dos documentos analisados, percebemos a veiculação da tradição como algo essencialmente positivo, assim como as noções de modernidade, moderno e modernização. Mas não qualquer ideia de tradição, vale ressaltar. Nesse processo, há um esforço em se romper com um passado que remete a tradições indesejadas, ou seja, aquelas que se mostram como um entrave à rentabilidade do espetáculo (O tropeiro, por exemplo, é considerado uma tradição, mas foi reinventado com novas exigências de higiene para atender a um novo público. No entanto, o rótulo “tradicional” permanece para um produto recentemente criado).

Em um contexto de grandes mudanças que, inevitavelmente, impactam a vida de um grande contingente populacional, a noção de tradição parece cumprir duas funções essenciais nas produções textuais:

- 1) Amenizar, justificar e legitimar as transformações advindas do processo de modernização, já que este foi descrito como capaz de contribuir para a própria preservação da tradição e para a criação ou incremento de ações voltadas à memória.
- 2) Conferir valor às ditas modernizações, já que a tradição e a ideia de sua manutenção reatualizada passam a ser divulgadas como um novo produto no mercado do entretenimento esportivo; ou seja, incorpora-se valor e status àquilo que se mantém intocado (pelo menos na ideia da divulgação) frente às novas intervenções. Há, assim, um tipo de consumo cultural que se define como “tempo e lugar de ressurreição caricatural e de evocação pândega do que já não existe”, ou seja, há o consumo, sob forma ritual, dos “prestígios defuntos” de um acontecimento histórico, reatualizado na contemporaneidade como uma espécie de lenda (Baudrillard 2007: 103). Em meio à necessidade de construir uma “nova era”, como relatado em um dos textos, a utilização da palavra tradição parece manter o respeito (interessado) às referências históricas e o “prestígio das origens”, como pondera Le Goff (2003: 177). Para o autor, nessa relação há um paradoxo ou uma ambiguidade: “o ‘moderno’, à beira do abismo do presente, volta-se para o passado. Se, por um lado, recusa o antigo, tende a refugiar-se na história. [...]”. O que se diz e se quer totalmente novo se deixa obcecar pelo passado, pela memória e pela história e, assim como moderno pode comportar o sentido de recente, o antigo pode ter o sentido de longínquo, ora sublimado, ora depreciado (Le Goff 2003).

Ao descortinarmos esses discursos, reportamo-nos, necessariamente, ao caráter político presente em cada produção textual, sobretudo, se pensarmos

nas relações que os discursos estabelecem com as políticas públicas. Com a nova conformação advinda da parceria público-privada, novas características entram em cena, e isso não diz respeito apenas ao jogo em si e às pessoas que se identificam com o esporte, mas à vida de um contingente populacional que habita a cidade.

Nesta perspectiva, consideramos pertinente problematizar nos textos analisados os princípios de alteridade, pertinência, influência e regulação (Charaudeau 2005). O primeiro, pautado pela própria situação de troca entre os interlocutores, só se constrói pela existência de “universos de referência (saberes compartilhados) e finalidades (motivações comuns)” (Charaudeau 2005: 12). Trata-se, assim, de um lugar compartilhado tanto pelos produtores dos documentos quanto pelos cidadãos belo-horizontinos e mineiros, para quem os mesmos se dirigem. No entanto, embora haja um processo recíproco de reconhecimento do outro, há que se considerar as dissimetrias que se estabelecem nas relações de poder. Nos textos analisados, há produções de importantes personalidades da cidade e do estado, como o prefeito, o governador e o senador, o que, de fato, instaura uma autoridade, apesar de camuflada em algumas estratégias de aproximação com o leitor.

Nesse caso, é necessário que haja um reconhecimento dos saberes implicados no ato de linguagem em questão (Charaudeau 2005). A menção à tradição e à modernização se inscreveram em um contexto próprio, onde questões ligadas exclusivamente à situação belo-horizontina e mineira foram tratadas. A ideia de legado; a realização de benfeitorias; a comercialização da imagem da cidade e do estado; a promessa do retorno das famílias ao estádio (vinculada à suposta redução da violência); a ideia de transformação da vida da cidade via realização da Copa do Mundo; a menção a especificidades históricas (como a inauguração do Mineirão, inserida no conjunto arquitetônico da Pampulha, idealizado por Niemayer), e a especificidades culturais, como o consumo do feijão tropeiro, podem ser pensados como constituintes do princípio de pertinência, já que a linguagem é cuidadosamente apropriada no seu contexto.

Em diálogo com essas considerações, tem-se o princípio de influência. Nas análises aqui realizadas consideramos esse princípio como o mais relevante, por constatarmos a clara intenção de se atingir o leitor emocionalmente. Aliados às ideias de legado e às motivações econômicas mencionadas no princípio de pertinência, têm-se a intensa veiculação de expressões que se voltam para o passado, para o sentimento de orgulho e honra, para o protagonismo de Minas Gerais no cenário brasileiro e internacional (“Minas Gerais como praça do mundo”, Anastasia 2012) e para o espírito pátrio e cívico da população. A Copa foi também descrita como sonho de milhares de brasileiros, o que promove um sentimento comum de aceitação nacional, apelo que possui grande poder de influência no leitor. Também podemos destacar a sistemática repetição de determinadas palavras, tais como legado, a utilização de interjeições que denotam

uma positividade e de códigos de linguagem que constroem uma proximidade com o leitor e que evocam o pertencimento identitário do mineiro, como o *uai*. Ainda, pode-se acrescentar o uso de estratégias que conferem um sentido coletivo, como os pronomes “nossos/nossas”.

Nesta perspectiva é que tradição e modernização são mobilizadas em um ambíguo jogo problematizado por Charaudeau (2006). Para o autor, tais noções são grandes tipos de imaginários sociodiscursivos, denominados por ele como universos de significação que circulam em um espaço de interdiscursividade e que conferem “testemunho das identidades coletivas e da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos”.

O imaginário da tradição, segundo Charaudeau (2006: 211), é “sustentado por discursos que se referem a um estado longínquo no tempo, no qual os indivíduos teriam conhecido um estado de pureza”, fundando-se, assim, em uma fonte de autenticidade. Já o imaginário da modernidade não se refere a um tempo histórico estabelecido, mas a “um conjunto de representações que os grupos sociais constroem a propósito da maneira como percebem ou julgam seu instante presente, em comparação com o passado, atribuindo-lhe um valor positivo” (Charaudeau 2006: 215). Nos documentos analisados, percebemos uma dupla mobilização desses imaginários aparentemente antagônicos, mas suficientemente interligados ao propósito comum de legitimação das ações propostas.

Na tentativa de fazer a instância cidadã aderir às suas ações, a instância política joga com argumentos da razão e da paixão. Como exemplo, nos textos pesquisados, podemos relacionar à razão os números apresentados sobre os detalhes “modernos” da obra (que intimidam pela grandiosidade), enquanto o apelo à paixão pode ser resumido nas menções recorrentes à memória do estádio e da cidade, à identidade mineira, à família e ao futebol como paixão nacional intrínseca ao “ser brasileiro”.

“Na gestão das paixões coletivas” (Charaudeau 2006: 19), algo precisa cumprir o papel de convencer os sujeitos da importância e da solidez das ações empreendidas. Para Charaudeau (2006) duas situações podem ser destacadas: a existência de uma ameaça ou a possibilidade de uma gratificação. Esta última possibilidade é a que se materializa em nossa percepção, sobretudo, pela já mencionada ideia de legado. A gratificação, nesse caso, pode ser pensada como parte importante do princípio de regulação. Assim, pode ser traduzida nos benefícios sociais e nas promessas de desenvolvimento econômico advindos das obras, prestando-se a um importante papel na acomodação de possíveis conflitos entre o que se deseja moderno e o que necessita se manter para simbolizar o respeito ao passado e à tradição. Para o referido autor, o discurso político compõe relações complexas entre linguagem, ação, poder e verdade que carecem ser desmembradas. Dito de outra forma, mesmo que a palavra não represente tudo no âmbito do político, ela “intervém no espaço de persuasão para que a

instância política possa convencer a instância cidadã dos fundamentos de seu programa e das decisões que ela toma ao gerir os conflitos de opinião em seu proveito” (Charaudeau 2006: 21).

Das palavras utilizadas, circunscritas em um contexto específico de produção de sentido, foi possível verificar uma forte narrativa de enaltecimento às ações realizadas, como se estas fossem conquistas que denotassem, até mesmo, um feito heroico. Por fim, percebemos que as ações presentes na reforma do Mineirão para a adequação aos padrões estipulados pela FIFA se apresentaram compiladas em uma ampla produção discursiva que visou, especialmente, convencer o leitor de que as medidas pensadas e efetivadas pela parceria público-privada (Prefeitura de Belo Horizonte, Governo de Minas Gerais e empresa Minas Arena) são, em si, benéficas para toda a população, que deve se orgulhar da “eficiência” do povo mineiro e da realização de um evento com tamanha magnitude no estado.

5. *Considerações finais*

O presente artigo produziu análises sobre os documentos apresentados na perspectiva de um olhar. Ao centrarmos nas produções textuais com autoria de gestores públicos e privados, certamente, ocultamos outras percepções, outras leituras e possíveis manifestações que afirmariam o caráter não linear da recepção. Ou seja, entre o que se produz e o que se veicula, há uma variável de interpretações e de apropriações que podem apontar para caminhos totalmente diferentes do que se esperou do enunciador. Embora não tenha feito parte de nosso objetivo estudar a recepção por outros atores sociais, reconhecemos a importância e a riqueza que esta possibilidade de pesquisa abarca.

Nesta direção, acreditamos ser fundamental, sobretudo em se tratando do discurso político, levar em conta, de forma mais densa, os princípios de regulação a que chamou a atenção Charaudeau (2006). Pensar esta perspectiva implica também levar em consideração as relações da “força social dos sujeitos discursivos com as formas de manifestação do discurso” (Solís 2013: 22).

Nesta teia de disputas é necessário reconhecer que, de fato, o futebol não é apenas um esporte. É um “grande fenômeno de produção de sentido, que se relaciona de múltiplas formas com a vida social brasileira”, como bem observaram Cornelsen, Ferreira e Silva (2012: 9). Historicamente, construíram-se representações e imaginários culturais, formações identitárias aliaram-se a projetos políticos em prol de uma brasilidade anunciada, iniciativas mercadológicas e midiáticas emergiram e ganharam força no jogo que se estende para além das quatro linhas.

Neste contexto, “tradição” e “modernização” cumpriram papel de destaque nas tentativas de legitimação do grande evento esportivo que se traduz na Copa do Mundo, aqui analisada por meio da experiência da cidade de Belo

Horizonte, Minas Gerais. Juntas, as duas noções se complementam em uma relação aparentemente paradoxal. Ao mesmo tempo em que o “moderno” é invocado para trazer ao estádio e à cidade os padrões da novidade e do modelo internacional, recorre-se à importância da “tradição” como símbolo de uma permanência histórica. Assim, percebemos que algumas tradições são descartadas, enquanto outras são selecionadas para manter o elo identitário com o novo estádio; questões estas que dizem respeito ao futebol, mas também à vida cidadã, às políticas públicas, à economia, às ações midiáticas e a toda interação social que nessa rede se constrói.

NOTAS

- 1 Sobre essa relação, destacamos os trabalhos de autores como Roberto da Matta (1982) e José Miguel Wisnik (2008).
- 2 Torneio organizado pela FIFA entre as seleções nacionais que se sagraram campeãs em seus continentes, somando-se o atual campeão mundial e o país-sede. Atualmente o evento vem servindo como um teste preparatório para o país que realizará a Copa do Mundo.
- 3 Como exemplo, citamos o Comitê Popular dos Atingidos Pela Copa 2014 - BH (Belo Horizonte). Para mais informações, acessar: <http://atingidoscopa2014.wordpress.com/>
- 4 A construção deste Conjunto se deu no início da década de 1940, sendo composto pela Igreja de São Francisco de Assis, pela Casa do Baile, pelo Iate Clube e pelo Museu de Arte Moderna. Todas essas obras foram projetadas pelo arquiteto Oscar Niemayer e possuem participação do paisagista Burle Marx e do artista Cândido Portinari. Na década de 1960, incorporou-se ao conjunto arquitetônico da região, o Estádio Governador Magalhães Pinto, o *Mineirão*.
- 5 Dizeres contidos em todo o documento produzido pela FIFA: *Estádios de Futebol: recomendações e requisitos técnicos* (2011).
- 6 Para maiores informações sobre esse processo sugerimos a leitura do texto: “Os impactos dos megaeventos nos trabalhadores informais e precários: estudo de caso dos barraqueiros no Mineirão” (Miranda e Merladet, 2013).
- 7 Fonte iconográfica encontrada no Museu Brasileiro do Futebol. Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão). Belo Horizonte, MG, Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANASTASIA, A. 2010. [Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=transparenciacopa2014&lang=pt_BR&pg=9841&tax=29326]. Mensagens. In *Planejamento Estratégico Integrado*. Prefeitura de Belo Horizonte; Governo do Estado de Minas Gerais, p.2. [Consulta: 15 de outubro de 2013]
- Anastasia, A. 2012. [Disponível em: www.minasarena.com.br]. Viva o novo Mineirão!. In Governo do Estado de Minas Gerais. *Mineirão entre os melhores do mundo*, p. 3. [Consulta: 15 de outubro de 2013]

- BARRA, R. 2012. [Disponível em: www.minasarena.com.br]. E a bola vai rolar... In Governo do Estado de Minas Gerais. *Mineirão entre os melhores do mundo*, p.9. [Consulta: 15 de outubro de 2013]
- BAUDRILLARD, J. 2007. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- BLATTER, J. 2011. Mensagem do presidente da FIFA. In Fédération Internationale de Football Association. *Estádios de futebol: recomendações e requisitos técnicos*, p. 7. Zurique: FIFA Editora.
- CANCLINI, N. G. 2008. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- CARVALHO, M. V. 2012. Moderno, modernidade, modernização: polissemias e pregnâncias. In N. Gil et. al (Orgs.). *Moderno, modernidade, modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- CHARAUDEAU, P. 2005. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In M.A.L. Pauliukonis e S. Gavazzi (Orgs.). *Da língua ao discurso. Reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- CHARAUDEAU, P. 2006. *Discurso político* (F. Komesu e D.F. Cruz, Trad). São Paulo: Contexto.
- CORNELSEN, E. e FERREIRA, L. SILVA, M. 2012. Apresentação. Esporte, literatura e cultura. *Aletria. Revista de Estudos de Literatura*, 22, 2: 7-9.
- DA MATTA, R. (ed.) 1982. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.
- HALL, S. 2006. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- LACERDA, M. 2010. [Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=transparenciacopa2014&lang=pt_BR&pg=9841&tax=29326]. Mensagens. In *Planejamento Estratégico Integrado*. Prefeitura de Belo Horizonte; Governo do Estado de Minas Gerais, p.3. [Consulta: 15 de outubro de 2013].
- LACERDA, T. 2012. [Disponível em: www.minasarena.com.br]. Um presente aos mineiros. In Governo do Estado de Minas Gerais. *Cartilha Mineirão entre os melhores do mundo*, p. 7. [Consulta: 15 de outubro de 2013].
- LE GOFF, J. 2003. *História e memória*. Campinas: Unicamp.
- MAINGUENEAU, D. 1998. *Termos-chave da análise do discurso* (M.V. Barbosa e M.E.A.T. Lima, Trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- MINAS ARENA E GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS 2012. *Cartilha Mineirão entre os melhores do mundo*. Belo Horizonte.
- MIRANDA, I. G. e MERLADET, F. D. 2013. Os impactos dos megaeventos nos trabalhadores informais e precários. Estudo de caso dos barraqueiros do Mineirão. In P. Branco e P. Casaleiro (orgs.). *Atas do Colóquio Internacional Direito(s) e desigualdades*, pp.67-75. Coimbra: Universidade da Coimbra.
- NEVES, A. 2012. [Disponível em: www.minasarena.com.br]. Novo Mineirão: um gol de placa. In Governo do Estado de Minas Gerais. *Mineirão entre os melhores do mundo*, p.5. [Consulta: 15 de outubro de 2013].

- PREFEITURA DE BELO HORIZONTE; GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS 2010. [Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=transparenciacopa2014&clang=pt_BR&pg=9841&tax=29326]. *Planejamento Estratégico Integrado*. [Consulta: 15 de outubro de 2013].
- SOLÍS, M.C.M. 2013. Los géneros desde una perspectiva socio enunciativa. La noción de contexto integrado. *Revista Latino Americana de Estudios del Discurso*, 13, 2: 21-40.
- VALCKE, J. 2011. Uma palavra do secretário geral da FIFA. In Fédération Internationale de Football Association. *Estádios de futebol: recomendações e requisitos técnicos*, p.9. Zurique: FIFA Editora.
- WISNIK, J. M. 2008. *Veneno remédio. O futebol e o Brasil*. São Paulo: Cia das letras.

SARAH TEIXEIRA SOUTTO MAYOR é Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Membro do GEFuT – UFMG (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas) e da Secretaria de Minas Gerais do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Atualmente, desenvolve pesquisas relacionadas à história do futebol em Minas Gerais.

Correo electrónico: sarahtsouttomayor@hotmail.com

SÍLVIO RICARDO DA SILVA possui graduação em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1984), mestrado em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (1994) e doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2001), Brasil. Atualmente é professor associado III da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenador e docente do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG, tutor do PET Educação Física e Lazer e coordenador do Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas (GEFuT). Tem experiência na área de Educação, com ênfase interdisciplinar, atuando principalmente nos seguintes temas: lazer, futebol, torcedor e Educação Física.

Correo electrónico: prof.srs@gmail.com